

Introdução

Em primeiro lugar, este artigo está ligado às células que cada um de nós pode atingir. Para despertar esse espaço alargado (da dimensão microscópica), será usada uma metáfora com o comportamento de células humanas. Essa metáfora levar-nos-á ao alfabeto genético que serve de base à descodificação de um corpo humano. E seria interessante que se reparasse desde já que não são 26 letras (como no alfabeto fonético) que controlam a manufatura de um corpo, mas apenas quatro. Toda a nossa história de vida está aí, nessa escrita.

Como veremos e para todos os que entendem que um corpo não é apenas o que existe, mas também todas as células que nele já existiram, o ponto de partida deste artigo reside nas peças realizadas (imagem 1) que reinterpretam plasticamente a célula “gametócito”. Peças pictóricas onde a célula é assumida na própria configuração pictórica. Por definição, “gametócito” é a célula germinal que produz um espermatozoide ou um ovócito, durante a fase da gametogénese. O uso do nome “gametócito”, só por si, permite adivinhar o futuro da formação e diferenciação que alcança. Mas, de qualquer modo, e aliás, eu diria que esta célula é das mais admiráveis células porque nos pinta o DNA nos retratos.



Incubação- Gametócitos, 2006.

Em segundo lugar, e a partir do entendimento de que produzir aminoácidos pode parecer muito diferente de produzir proteínas, vamos explorar a ideia de que desenvolver um texto, em certa maneira, pode parecer muito diferente de desenvolver um corpo.

Explicação

Talvez uma maneira de começar seja primeiro dar esta explicação. Tudo o que vou escrever será a partir de uma realidade que existe. Não irei fazer uma especulação teórica sobre a dupla artista-público. Há um ato concreto, que é uma obra minha, uma exposição muito particular, porque é performativa, é um verbo, porque foi uma exposição-ação. Eu não expus e não fiquei à espera de um adjetivo. O público foi convidado a reagir. O resultado dessa reação (um conjunto de textos, de desenhos, de murmúrios) integra a própria obra. O que ocorreu foi um movimento onde a partir das minhas peças, se gerou um processo de apresentação que provocou reações nas pessoas, construindo-se em resultados, que se integram num todo, conjunto de que vou falar neste artigo. A minha arte performativa, neste ciclo, foi esta. Isto é o facto a que vamos prestar atenção. E o que pretendo apresentar é que este facto permite entender que o público pode fazer parte da obra, não sendo colocado num papel de admirador ou bajulador, mas que cada um se pode pensar a si próprio noutra sentido mais profundo. Está aqui criado um todo com a sua amplitude celular. E o que quero escrever é que o conceito de educação artística reside neste todo - e não a separação destes campos do autor, da obra, da exposição, do público - e, portanto a coesão destes elementos entre si tem uma potencialidade em que tudo se transforma em arte germinal.

Movimentação

Não há nada que me comece facilmente. Decidi-me pelo exercício das Medicinas e depois de anos de formação ingressei obstinada noutra faculdade, a de Belas Artes da Universidade do Porto, onde comecei a desenvolver um trabalho cujo destino levaria até ao final do curso e sobre o qual tenho percorrido uma ponte de performances entre Arte e Ciência.

De performance em performance, ao abrir à comunidade um movimento inabitual de voltar a um ponto originário, os participantes, ao escreverem sobre a sua célula germinal, a célula das células, avançaram no desconhecido e mostraram uma espécie de memorial despertado numa enciclopédia viva. De facto, uma célula é um livro. Por sua vez, ao serem escritos alguns textos, que deslizariam para um movimento sensível enquanto se dava ao espectador essa tarefa, começava a viagem para espaços interiores, onde tudo se escreveria aos arredores da célula. Isto isolou cada um dos outros todos. Cada um, sentado em sua cadeira, em seu conhecimento de embrião, empenhado em

busca de uma experiência própria, parou. Não é uma coisa simples. Se nesse imaginário e diante da obra plástica, uma escrita única, estranha, indecisa ou animada os atingiu - em movimento de formas e forças - então o texto elevou-se para cada um. E, pouco a pouco, as células aumentaram, fazendo o seu espaço das palavras e dos desenhos.

Método

O silêncio preparou as condições dessa escuta profunda. Porque se estabeleceu um método. Um espaço expositivo. Pregadas à parede, as telas. Junto às cadeiras, as caixas com canetas. Há papel que o participante pode utilizar. Há um movimento individual que lhe permite tomar consciência do cerne da primeiríssima célula. Há um traçar de uma ficção que exercita os espaços do indivíduo. Escreve-se voluntária e diretamente o que se pensa num espaço de papel. Porque há um tempo. Um metrônomo. A parte silenciosa é pautada no tic-tac. Isto foi o território onde se despoletou o campo da criatividade. Mas foi preciso que as performances se realizassem para que pudessem ser narradas nas páginas de hoje.

Relação entre proposta-resposta

Se o interesse de apresentar actos performativos perante públicos diferentes teve o objectivo de estabelecer diálogos, o que foi maravilhoso nesse interesse remete para a singularidade que gerou a aproximação desses diálogos à célula germinal da vida humana. Diálogos que foram expressões puras e simbólicas. Por um lado, a ligação a questionamentos que conduziram alguns ao silêncio, a um grande silêncio, ausência de fala. Por outro lado, conduziram muitos outros à entrega na palavra-escrita-solitária na procura de uma gramática inspirada; conduziram uns poucos ainda à necessidade de produzir desenho e uma mínima parte ao vago murmúrio.

Gametócito

Nesse exercício de invisível passagem para um universo paralelo (o campo microscópico) podemos ter o prodígio de imaginar as primeiras células e, sobretudo imaginar a fusão de duas células no primeiro grau do corpo humano em direção a um futuro porvir. Objectivos e por sua vez desafios para diálogos lançados por estas supercélulas de nome gametócito. Como vemos não é um simples nome, mas é um abismo de labirintos herdados e implacáveis das cadeias helicoidais do DNA. E é isso que tentamos atingir porque nunca o tocamos verdadeiramente.

Destes exemplos, podemos ver que os públicos, ao tentarem recuar a essa região da origem, a essa aproximação do começo germinal, fizeram do processo da busca um

processo artístico. Justamente esse lugar (dos desenhos e dos textos) é que considero a vocação da arte germinal. Por exigência lugar criador e ao mesmo tempo de pesquisa mental, onde a tarefa do gesto e da escrita recomeça o primeiro momento da radical vida de cada corpo. É com esta perspectiva da arte como arte germinal que gostaria de conversar com o leitor neste artigo.

De facto, decorreram as interações performativas como pontos de partida para dar forma à experiência relacional que se apresenta, que na verdade tem sido o meu campo de investigação enquanto artista onde a relação artística com o fruidor tem sido a dupla medida que marca esse rumo. Por essa via, o resultado pertence às etapas da arte em estado germinal. Daí qualquer texto escrito pelo fruidor ser tão parte do mundo como um trabalho artístico porque esse texto materializa um tipo de conhecimento, e estamos a falar de um conhecimento que se estende ao sentido da vida, que organiza limites e coexiste à beira do abismo. Dois textos, vinte textos, cem textos são manifestações de subjetividade. Ora para se criar registo, esse encontro teve de se tornar exigente, teve de se repetir várias vezes para se formar corrente. Para resultarem mais de cerca de quinhentos textos. Para assim se criarem elaborações coletivas de sentido. Esta é a história da movimentação.

Células da relação pré-corpo

É claro que as células estão em toda a parte. Somos feitos de células, vimos delas escapadas, infinitamente movediças, sempre renovadas e é impossível detê-las, cruzando-as ou separando-as em qualquer lugar como animais de inseminação. Comemos animais e plantas e precisamos de oxigénio, água e sopa primordial. Dia e noite, de pessoa para pessoa, as células fazem milhões de cópias, cópias de si próprias pelo poder repetitivo de máquinas bioquímicas para estruturas de DNA para biliões de corpos. Penso que temos esta ideia. Por isso, na relação pré-corpo deste labirinto imenso e consistente, sabemos ter as células, temos os textos, e continuamos a respirar e a escrever.

Quatro letras-espantosas

Nesta parte, e de modo a tratar com algum pormenor porque nos ajuda a orientar, gostaria que déssemos uma volta às células. Uma coisa é falar de textos germinais, outra é de células germinais. Há, pois, infinitamente, um salto. Cada vez que se tem de fazer um texto escrito, ao fazê-lo utiliza-se o alfabeto de 26 letras, numa estratégia subconsciente. Por outro lado, cada vez que um corpo se está a fazer, ao fazer-se utiliza o alfabeto de quatro letras. Isto porque só há quatro aminoácidos que servem de base ao nosso código genético: A (adenina), C (citosina), G (guanina), T (timina). A-C-G-T. Estas letras significam as iniciais dos quatro aminoácidos que formam as nossas proteínas. Toda a

nossa história de vida está aí, nessa escrita. Com este domínio sabemos que o nosso dia de nascimento ou o nosso número do cartão de cidadão já vem viajando pelos milhões de anos, pelas gerações e gerações, até chegar a cada um de nós. Um corpo é uma história de ciência que leva uma estratégia de milhões de anos num empreendimento cooperativo difícil, arriscado e tudo isto nos é dado de bandeja, como garantido e quase sempre sem consciência do próprio.

Laboratório das subdivisões

É certo que sendo a célula o elemento funcional e estrutural do organismo, a primeira coisa que temos de imaginar é uma célula que faça cópias de si própria. Isto não é difícil de imaginar, é o pressuposto da citologia (quem queira conhecer a fundo a ciência das células). Uma segunda coisa são as divisões sucessivas. Desde que somos um embrião, cada divisão eleva o número de duas células iniciais para quatro células, de quatro para 16, de 16 para 32. Sempre claramente para o dobro num crescimento exponencial por aí fora até biliões. Quando adultos, somos dez triliões que formam o nosso corpo.

Somos colónias gigantescas de células. Dentro de cada célula está um núcleo e dentro de cada núcleo está a essência de um metro de escrita. Por isso, se dentro de cada célula está um metro de escrita, dentro de cada corpo está uma dimensão de quilómetros. Os planos para estruturar e manter um corpo estão aí dentro, precisamente nos arranjos e combinações dessas quatro letras. Aí no interior de cada célula todo o manual genético é descodificado, escrito e traduzido em extensões de ACGT.

ACGT TGCA TGCA GCAT CATG ATCG AGTC TACG TCGA GATC GTCA CTAG CGTA
ATGC AGCT CTGA TGCA TGCA GCAT CATG ATCG AGTC TACG TCGA GATC GTCA
CTAG CGTA ATGC AGCT CTGA TCGA TACG GCTA GTAC ATGC ACGT TACG CATG
TAGC GCTA TGCA AGCT ATGC GCTA GCTA ATGC GATC CATG GCAT TCGA AGCT
GACT CTGA GCTA GATC GCAT TAGC GTCA GCAT ACGT TCAG AGCT GACT GCTA
CGAT GCTA GACT GATC GTCA CTAG CGTA ATGC AGCT CTGA TGCA TGCA GCAT
CATG ATCG AGTC TACG TCGA GATC GTCA CTAG CGTA ATGC AGCT CTGA TCGA
TACG GCTA GTAC ATGC ACGT TACG CATG TAGC GCTA TGCA AGCT ATGC GCTA
GCTA ATGC GATC CATG GCAT TCGA AGCT GACT CTGA GATC GTCA CTAG CGTA
ATGC AGCT CTGA TGCA TGCA GCAT CATG ATCG AGTC TACG TCGA GATC GTCA
CTAG CGTA ATGC AGCT CTGA TCGA TACG GCTA GTAC ATGC ACGT TACG CATG
TAGC GCTA TGCA AGCT ATGC GCTA GCTA ATGC GATC CATG GCAT TCGA AGCT
GACT CTGA GATC GTCA CTAG

CGTA ATGC AGCT CTGA TGCA TGCA

CATG ATCG AGTC TACG TCGA GATC

GTCA CTAG CGTA ATGC AGCT CTGA

CGTA ATGC AGCT CTGA TGCA TGCA

CATG ATCG AGTC TACG TCGA GATC

TCGA TACG GCTA GTAC ATGC ACGT TACG CATG TAGC GCTA TGCA AGCT ATGC
GCTA GCTA ATGC GATC CATG GCAT TCGA AGCT GACT CTGA GATC GTCA CTAG
CGTA ATGC

AGCT CTGA TGCA TGCA GCAT CATG ATCG AGTC TACG TCGA GATC GTCA CTAG
CGTA ATGC AGCT CTGA TCGA TACG GCTA GTAC ATGC ACGT TACG CATG TAGC
GCTA TGCA AGCT ATGC GCTA GCTA ATGC GATC CATG GCAT TCGA AGCT GACT
GATC GTCA CTAG CGTA ATGC AGCT CTGA TGCA TGCA GCAT CATG ATCG
AGTC TACG TCGA GATC GTCA CTAG CGTA ATGC AGCT CTGA TCGA TACG GCTA
GTAC ATGC ACGT TACG CATG TAGC GCTA TGCA AGCT ATGC GCTA GCTA ATGC
GATC GCTA CAGT GTAC GATC CATG CTAG GATC ACGT AGTC AGTC ACGT GTCA
GTAC AGTC ACTG TAGC GACT AGCT

CATG GCAT TCGA AGCT GACT CTGA ACTG ATGC GCTA ACTG TAGC TGCA TGAC
TAGC

GATC

GTAC TGCA CAGT GTCA GTCA GTAC GATC GTCA

GACT GTCA CAGT TAGC AGCT GACT GTCA ACGT

GTCA CTGA TGCA GTCA CAGT TCGA CAGT TGCA

TGAC TCAG GACT CAGT GTAC GTAC GATC ACGT

TGAC GATC CATG GACT AGTC AGTC CTGA

AGTC

AGTC ATGC AGTC ACGT GTAC ACTG TGAC

AGTC

ATCG

GTCA

ATGC

AGTC

Por centenas de páginas e páginas de grande formato que abrem todo um espaço de escrita, que se afigura num espaço de labirinto impenetrável, e que nos salta para este contexto (fiz questão de escrever uma página, uma quantidade mínima de construção, para que o leitor possa imaginar o resto...) e pensei e se esta página fosse um texto germinal?

Chaves da relação metafórica

De certa forma, temos o suporte destes dois alfabetos. Temos esta escrita a ser editada ao mesmo tempo em que vivemos com o alfabeto fonético das 26 letras. Dialogamos com o mundo ao mesmo tempo com um alfabeto genético de quatro letras e estão ligados de uma maneira secreta. Parece. Então, letras são ferramentas para planos sucessivos se desenvolverem em alta fidelidade ou com falhas. Alterações são coisas que acontecem, quer se queira quer não. É uma propriedade em qualquer processo evolutivo. Temos tendência a pensar que isso é negativo, mas talvez sejam essas falhas a tornar a evolução possível. E chegamos ao ponto da metáfora (e abro aqui um parêntesis maior porque a arte trabalha de maneira misteriosa. Para se fazer arte tem de se falhar e continuar. E essa falha é sempre um túnel que pretende ser um novo movimento. E quanto mais usadas as letras da língua desse movimento que se sente na mão de palavras, na mão que escreve esse movimento de escrita em direção à obra, em que são depositadas experiências, a que eu chamo texto germinal, mais o movimento vertiginoso do que é exterior se abre para

o interior. Subitamente exigente, estranho, fecundo, deslocado na confusão necessária. Como a possibilidade de escrever um poder para dentro de si mesmo. Como escrevê-lo em face ao nada. Como se uma brecha numa série de eus se agitasse. Como usar o tempo na simultaneidade de artista-fruidor. Como interrogar através das performances a semente que desloca o eu contido. Como trazer fenômenos intrincados entre um campo e o outro. Como diz Blanchot: “o longe e a distância que constituem o meio e o princípio das metamorfoses”), de certa maneira os exemplos utilizados são chaves para abrir a movimentação das performances sem condições.

Organismo

Ao longo dos últimos vinte anos tenho produzido um corpo de obras onde afirmei uma prática artística que tem uma implicação educativa no campo das exposições-performativas. Trabalhei com indivíduos, em grupos de 90 a partir de um dispositivo artístico, onde o estímulo dirigia-se ao pensamento de cada um e dali ao modo como cada qual se dirigia a si próprio. Essa distância era pensar uma impossibilidade. Era recuar a ser a primeira célula que cada um de nós já foi. Abordando conceitos como célula e gâmeta, a obra plástica levou o espectador a uma tentativa de tomar consciência da primeiríssima célula para que se pudesse recriar livremente esse cerne em palavras ou traçando uma ficção. Naturalmente, a resposta variou porque se tratava da possibilidade de cada qual se definir num conceito abstrato. Inventaram-se patamares criativos dali ao modo como cada um reagiu. Interrogaram-se a eles mesmos e ocuparam-se de si próprios. Sempre que faço performances questiono a origem. Ao mesmo tempo, todo o público se questiona e é questionado. Nesse conjunto dá-se uma maturidade de conhecimento, de sensibilidade, de cultivo de imaginação com grande sentido. Escrever um texto e descobrir-se nele, representa para cada fruidor uma experiência mental a um tempo íntimo e coletivo. Isto acontece. E não basta estabelecer a dupla entre quem faz o papel de artista e quem faz o papel de lugar sentado. É preciso também, nessa interação, que se estabeleça a presença da peça artística como ponto visual. É preciso que toda a ideia proposta atravesse as ideias das pessoas de diversas idades e níveis de ensino, desde crianças, adultos, de escolas, de universidades e grupos de controle para assim articular uma identidade.

Em suma, em relação ao concreto do que escreveram essas pessoas, não importa. Não importa qual foi o salto, nem se questiona se foram textos maiores ou menores. Em primeiro lugar, não se trata de me debruçar sobre os textos dos participantes e de seguida analisar os exemplos que escreveram em relação à célula nem tão pouco de apontar uma embriologia para educar arte. Para mim, a questão que se propõe este artigo é o pensar o jogo embrionário que uma educação artística aponta aos fruidores jogar no âmbito da arte. Em segundo lugar, que nenhuma autoridade possa julgar a educação que agita o pensamento artístico. Esta afirmação, que parece simples e justificada no contexto deste trabalho, apresenta-se como controversa perante as práticas educativas usuais e mesmo

perante as relações que as instituições estabelecem no exercício do seu próprio poder.

Embora as pessoas sejam efêmeras e milhões de livros caiam no esquecimento, as trocas de células e de escritas através de fruidores continuam. Escrever é um enigma. Os textos produzem longevidade assim como as nossas células produzem. Quanto mais longe se escreve mais perto se torna a vida. É esta a performance. Fazer pensamento, fazer exercício de texto, desenvolver parágrafos, páginas e depois quietude. Daí não importa escrever acertadamente, ter pensamentos bem afinados e neutros e bem medidos. São textos acabados-inacabados, apressados, cada um escreve como pode, oferecem-se enigmas. Deixar a cargo dos fruidores fazer essa obra aberta. Uma região da arte. Quando um homem atira uma escrita ao ar, aparecem terras e oceanos e depois quando a volta a ler, comporta-se como se tivesse resolvido um conjunto de equações exponenciais, intrincadas, figurativas e abstratas de prever o trajeto dessa escrita. Passa-se alguma coisa equivalente a formação de células. Da mesma forma, quando uma pessoa produz um texto difícil, depois de pesar todas as obrigações que consegue imaginar, está a fazer o equivalente funcional de um complexo cálculo da maneira que o corpo faz. Os textos são simplesmente corpos, e isto é tudo.

Referências

BLANCHOT, Maurice. *O Livro Por Vir*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Tradução Leyla Perrone-Moisés.

OSTROWER, Fayga. *Universos da Arte*. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1983.